

PROFESSOR FARIA E O AFETO COMO IMANÊNCIA DA RESISTÊNCIA INTELECTUAL

Francis Kanashiro Meneghetti¹

Este é um texto de depoimento, que foge dos cânones tradicionais da academia. Trata-se de uma homenagem ao professor Doutor José Henrique de Faria.

No ano de 2020, fez vinte anos que o conheço. Muito além de ter sido meu orientador de mestrado e doutorado, eu e professor Faria (forma como respeitosa sempre o chamei) compartilhamos muito mais do que racionalidades, ideias, concepções de mundo. Dividimos afetos, que só é possível quando vamos além das formalidades profissionais, em especial, no nosso caso, da vida acadêmica.

Todavia, reservo-me ao direito de preservar na nossa intimidade nossas experiências como humanos, como pessoas que erram e acertam na vida, que carregam histórias e confissões mútuas que precisam ser preservadas no sigilo da amizade.

Então por que começo o texto apresentando nossa proximidade afetiva? Primeiro porque não é segredo para ninguém que temos esse tipo de relação. Segundo porque o tema na qual refletirei, a partir de uma postagem em redes sociais veiculada pelo professor Faria, refere-se não só a vida profissional, mas também a intimidade de todos

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professor EBIT da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. <http://lattes.cnpq.br/8238451312475074>. <https://orcid.org/0000-0003-0327-2872>. fkmeneghetti@gmail.com. Endereço para correspondência: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. Avenida 7 de Setembro, 3165, DAGEE, Rebouças, Curitiba, PR, Brasil. CEP: 80230-901. Telefone: (55 41) 33104611.

nós da chamada academia. Portanto, é uma reflexão sobre o que nos afeta; ao mesmo tempo, é uma homenagem para alguém que tem uma história acadêmica diferenciada em tempos dominados pela tecnocracia.

No dia 16 de dezembro de 2020, às 14h33, na rede social Facebook do EPPEO (Economia Política do Poder e Estudos Organizacionais), grupo de pesquisa na qual o professor Faria coordena a mais de vinte anos, foi publicado por ele um “manifesto de despedida do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná – PPGADM”.

Neste relato, professor Faria apresenta sua trajetória como gestor, coordenador de projetos, coordenador de programa de pós-graduação, pró-reitor de planejamento, orçamento e finanças e reitor da Universidade Federal do Paraná.

Ressalta ainda sua trajetória como acadêmico, com milhares de publicações em revistas científicas, livros, relatórios de pesquisas, orientações na graduação, mestrado e doutorado, conceitos originais criados e presentes nas áreas da administração e estudos organizacionais, coordenador de grupo de pesquisa, bolsista produtividade do CNPQ, presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais. Professor Faria não relata na publicação, mas teve também vasta experiência no setor privado, nas mesmas funções que exerceu na instituição pública, na qual, notoriamente, tem mais orgulho.

Na sua trajetória acadêmica fica claro que realizou com maestria as principais tarefas especializadas que são exigidas na condição de acadêmico: (i) professor - ensino; (ii) pesquisador – pesquisa; (iii) coordenador de projetos – extensão; (iv) gestor universitário – gestão. Na linguagem gerencialista, da qual sempre foi crítico, podemos dizer que sua trajetória foi realizada, até o momento, dentro daquilo que se espera de

um “colaborador multifuncional com expertises qualificadas”. Talvez esse fato tenha gerado mais inveja do que sua própria condição de pensador livre e crítico.

Apesar de crítico do gerencialismo, no sentido que abordou e criticou em várias obras de sua autoria, aqui cabe ressaltar que o problema não está na gestão – e sua experiência mostra isso –, mas em sua forma ideologicamente orientada para atender os interesses das elites do capital, inclusive representadas no interior das universidades públicas por professores, pesquisadores, gestores, alunos etc. O problema está menos no fato de terem pessoas orientadas pelos princípios do sistema de capital, pois vivemos em um tempo histórico que esse sistema se tornou hegemônico e totalizante, e mais na forma fundamentalista, ou seja, inflexível, intolerante, dogmatizada, como alguns defendem que a universidade pública deve aderir, sem restrições ou limites, aos valores como meritocracia, avaliação por competências, remuneração baseada em resultados, etc., típicos das organizações produtivas cujas orientações são os lucros financeiros e econômicos.

Nas suas obras, sobretudo nos livros publicados e nas exposições realizadas, percebe-se que professor Faria vai além das tarefas especializadas esperadas na academia. Ele se apresenta como um intelectual no sentido pleno da acepção. Os intelectuais têm perdido espaço na sociedade, por diversos motivos. Entre eles, a substituição pelos especialistas funcionais, pelos comunicadores profissionais, pelo jornalismo meramente informativo, pelos produtores de mentiras virtuais etc. tudo adequado as novas tecnologias de informação e da consolidação da indústria cultural. No meio acadêmico, onde transitam e poderiam transitar com autonomia, também tem dificultado o trabalho dos intelectuais. Por exemplo, na graduação o tecnicismo instrumental formatado pelas exigências demandas do mercado de trabalho tem definido o perfil do professor ideal diferente daquele nas quais os intelectuais se caracterizam. Na pós-graduação, o produtivismo orientado para elaboração de *papers* medido em unidades produzidas tem causado o afastamento dos intelectuais. Na extensão, o

assistencialismo e o resultado prático imediato tem criado uma identidade servil em relação ao mercado. Na gestão, a invasão ideológica do gerencialismo de mercado tem exigido cada vez mais pessoas pragmática, voltada ao cumprimento de metas e indicadores distanciados de uma ética voltada para o bem comum.

Os espaços dos intelectuais estão sendo reduzidos ao imaginário de uma tradição que precisa ser superada, em detrimento de uma racionalidade voltada para atendimento dos resultados de mercado. De certa forma, a postagem do professor Faria apresenta seu desconforto em relação a essas transformações. Ele exerce aquilo que Sartre atribui como o papel dos intelectuais, o de esclarecer as massas a partir da reflexão radical e incessante da realidade.

Apreendi que existem algumas qualidades fundamentais em um intelectual, segundo professor Faria.

Primeiro, ser capaz de se comunicar sendo fiel aos princípios teóricos, conceituais e aos fatos. Segundo, estudar até ter domínio considerável sobre o assunto a ser analisado e refletido. Terceiro, ser capaz de refletir a partir da relação entre teoria e a realidade prática de forma radical (no sentido de ir na raiz das coisas), crítica, argumentativa e não dogmática. Quarto, manter a coerência epistemológica. Quinto, ser orientado por valores humanistas, que visam ao bem comum e a superação de todas as formas de desigualdades. Sexto, ser capaz da autocrítica, de refletir sobre as contradições da condição de intelectual, pois este é, antes de tudo, humano, passível de equívocos e erros como qualquer um.

Nas aulas, conversas, debates acadêmicos, vi sempre analisar a realidade apresentando sua perspectiva e defendendo suas posições teóricas. Evita refutar, desqualificar ou desprezar os argumentos e opiniões dos outros em público. Com mais experiência, passou a ser cada vez mais cordial com as limitações e ignorâncias alheias. Isto porque,

como um intelectual de fundamentação marxista, sabe bem que nem todos vivem sob as mesmas condições materiais e espirituais de existência, o que implica em formas distintas de consciências.

Apesar de adotar o materialismo histórico como epistemologia principal, não só na produção acadêmica, Professor Faria não é um intelectual ortodoxo. Ao contrário. Conhecedor das diversas epistemologias, sabe bem que os conhecimentos têm fundamentos, mas não estão prontos, acabados, ou seja, não são definitivos. A compreensão de diversas teorias sob perspectivas epistemológicas distintas da que escolheu faz com que utilize conceitos e argumentos construídos sobre bases diferentes. Todavia, seu conhecimento o faz utilizá-los a partir de apropriações adequadas, sem perder o rigor epistemológico exigido de um intelectual.

Na atualidade, são poucos os intelectuais com a qualidade de conhecer os fundamentos das diversas abordagens científicas e, ao mesmo tempo, capazes de escrever algo original e com tanta propriedade. Nas ciências administrativas tornou-se uma raridade encontrar alguém, já que temos muitos especialistas formalmente titulados, mas poucos que conhecem as ontologias, epistemologias e métodos que as constituem.

Os intelectuais perdem cada vez mais espaço no ambiente universitário porque este segue a tendência dos setores produtivos de forma geral. O ambiente se torna cada vez mais tecnocrático, a partir da estruturação de poder dos especialistas que tem como mantra a produtividade, ou sua forma mais perversa, o produtivismo. Os intelectuais, neste contexto, acabam por perder sua relevância, sobretudo porque “atrapalham” os “desfiles das belas almas”, para lembrar Tragtenberg. Os acadêmicos, agora, são reduzidos à tecnicistas tão alienados quanto qualquer um que se entrega de forma impensada e irrestrita ao sistema de produção-consumo que regem a vida

cotidiana. Em grande parte, o que se tem hoje, nas universidades, são os tayloristas da mente, cuja função é produzir para atender os mercados especializados.

Então qual o futuro dos intelectuais? Esta é uma questão difícil de ser respondida. Mas certamente todos aqueles que conseguem refletir sobre a realidade, principalmente na diferença entre produção de conhecimento e produção de saber, carreguem dentro de si o gérmen da persistência do intelectual como alguém que existe para questionar.

Refletir é escolher pela solidão e pelo entrincheiramento em um campo de batalha que *youtubers*, *influencers*, professores animadores de palco e pseudointelectuais de orelha de livros (ou resenhas de internet) são em maior número e contam com a tecnociência dos sistemas de informações acessíveis em formas de APPs. Se o acesso “democrático” ao público pelas facilidades tecnológicas pode ser considerado um avanço, o encontro das ignorâncias alheias e a submissão às mentiras (sobretudo *fakenews*) dos maus intencionados pelos que procuram informações como produtos de consumo têm mostrado como há um processo de degeneração da razão crítica. Neste contexto, os intelectuais têm perdido espaço, porque são menos “consumidos” por essa nova audiência, agora transformado em mercado pelos níveis de compartilhamentos, *likes* e inscrições nos canais das redes sociais. É evidente que os intelectuais podem e devem se aproximar das novas formas de comunicação; mas vale dizer que uma formação intelectual exige tempo de estudo (sobretudo leitura), engajamento analítico (debates com especialistas e outros intelectuais), escrita qualificada (aquela submetida a crítica especializada antes de ser veiculada e de um ócio criativo) que só é possível com tempo livre para experimentar as contradições da vida e viver a realidade para além dos livros (é sobretudo por esse item que os intelectuais se diferem dos cientistas). E tudo isso é exatamente o que a velocidade da nova realidade das redes sociais exige. Ou seja, o tempo, um dos principais componentes da formação intelectual é transformado em tempo de produção necessário para a mercadoria informação.

Esta tecnocracia instituída, na qual muitos da notória inteligência acadêmica científica aderem e fomentam, é o elemento imanente de produção da nossa existência material e espiritual. Neste contexto, o gerencialismo acadêmico acaba compartilhando das mesmas bases técnicas orientadas para um consumismo sem reflexão. Certamente que muitos acadêmicos dificilmente virarão *youtubers* ou *influencers*. Mas certamente já têm muitos que se tornaram professores animadores de palco e pseudointelectuais de orelha de livros. Há uma adesão silenciosa e de pouca resistência ocorrendo, que faz com que a produção e transmissão do conhecimento seja realizada em bases frágeis. Quem dirá a produção do saber, que exige além da capacidade de produzir conhecimento, experiência de vida e educação afetiva para ser capaz de transformar conhecimento em amor pelos semelhantes, pelo bem comum e para uma ética do bem viver com igualdade social.

Por que o gerencialismo acadêmico subalterno se sobressai? Não é porque tem adesão de pessoas mais “competentes” ou “inteligentes”, mas porque estão em maior número entrincheirados nos espaços políticos da academia e contam, ainda, com um número grande de pessoas indiferentes, medíocres e “colaboradores úteis”, que mesmo sabendo das contradições do sistema e sofrerem com ele, preferem aderir silenciosamente a um sistema que continua a distribuir para uma pequena elite acadêmica algumas benesses – temporárias é claro, pois o processo de precarização do trabalho acadêmico só aumenta.

Crítico à precarização do mundo do trabalho, inclusive a acadêmica, professor Faria, apesar de respeitado por seus pares, causa mal-estar entre eles. O motivo é simples: poucas pessoas estão preparadas para enfrentar a dura realidade de transformações que o meio acadêmico sofre. Alguns diante dessa situação preferem negar, outros brigar, muitos nem mesmo ouvir e muito poucos enfrentar a realidade para tentar mudá-la, mesmo sabendo que, no fim, aparentemente serão derrotados. Aqueles que “anunciam a tragédia”, mesmo não sendo responsáveis por elas, são silenciados,

ignorados, desprezados. Tornam-se, frequentemente, culpados por aquilo que anunciam a partir das suas reflexões. Não é sem motivo que vemos uma onda anti-intelectual, inclusive no meio acadêmico.

Quando analiso a trajetória do professor Faria, até o momento, percebo claramente que, além de professor, pesquisador, gestor, é um intelectual no sentido pleno e como tal está submetido ao ônus da realidade do movimento anti-intelectual. Todos os esforços que tem feito para se adequar à nova realidade do mundo da comunicação de massa por meio do grupo de pesquisa são contribuições significativas para fazer sobreviver a figura do intelectual na atualidade. Mas é importante salientar que os intelectuais já não são reconhecidos pelo público como antigamente. E isso também ocorre com ele. O pior, seus pares acadêmicos, influenciados por essa racionalidade tecnocrática, raramente são capazes de perceber que preservar o espaço do intelectual é garantir a própria sobrevivência.

Talvez professor Faria considere que fez pouco como professor, cientista, gestor, intelectual. Ele está errado. Faz pouco quem ensina sem amor, quem se entrega sem lutar por um mundo melhor, aceita sem resistências a tecnocracia. Sua trajetória como intelectual continua, pois ainda tem muito a contribuir. Nunca foi o seu caso. Suas ideias permanecerão por várias gerações, sobretudo porque são originais, consistentes e fundamentadas. Tudo isso permanece porque afetou, com amor, respeito e a crítica de quem quer um mundo melhor e mais justo, a quem ensinou. O intelectual nunca será protagonista das revoluções, mas sempre será essencial para as resistências. E a imanência da resistência é sempre o afeto. No fim, tenho para mim que o que importa em toda trajetória é de quem estivemos ao lado, mesmo sendo derrotados pelo sistema. E mais do que isso, de ter escolhido quais fantasmas nos assombrarão no futuro. E nisto o professor Faria pode ter certeza que sua trajetória garante um lugar especial na história, senão da academia, mas certamente em cada um que o conhece!

PROFESSOR FARIA E O AFETO COMO IMANÊNCIA DA RESISTÊNCIA INTELECTUAL

Resumo

Este depoimento apresenta as contribuições do professor Doutor José Henrique de Faria na qualidade de intelectual presente na academia, sobretudo na área da administração e dos estudos organizacionais. Problematiza as dificuldades enfrentadas pelos intelectuais e como sua trajetória acadêmica se apresenta como forma imanente de resistência a partir das relações afetivas que estabeleceu.

Palavras-chave

José Henrique de Faria. Intelectuais. Estudos Organizacionais. Homenagem. Academia.

EL PROFESOR FARIA Y EL AFECTO COMO INMANENCIA DE LA RESISTENCIA INTELECTUAL

Resumen

Este testimonio presenta las contribuciones del Profesor Doctor José Henrique de Faria como intelectual presente en el mundo académico, especialmente en el área de administración y estudios organizacionales. Analiza las dificultades a las que se enfrentan los intelectuales y cómo su carrera académica se presenta como una forma inmanente de resistencia basada en las relaciones afectivas que estableció.

Palabras clave

José Henrique de Faria. Los intelectuales. Estudios organizativos. Homenaje. Academia.

PROFESSOR FARIA AND AFFECTION AS IMMANENCE OF INTELLECTUAL RESISTANCE

Abstract

This testimonial presents the contributions of Professor José Henrique de Faria as an intellectual present in academia, especially in the area of administration and organizational studies. It discusses the difficulties faced by intellectuals and how his academic career presents itself as an immanent form of resistance based on the affective relationships he established.

Keywords

José Henrique de Faria. Intellectuals. Organizational Studies. Homage. Academia.

CONTRIBUIÇÃO

Francis Kanashiro Meneghetti

O autor declara que realizou todas as etapas associadas ao texto, sendo o único responsável pela sua redação.

AGRADECIMENTOS

-

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

O autor declara que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Meneghetti, Francis K. (2021). Professor Faria e o afeto como imanência da resistência intelectual. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(22), 490-501.